

# A ESCOLA VISTA PELAS CRIANÇAS<sup>1</sup>

## SEEN BY SCHOOL CHILDREN'S

*Sílvia Adriana Rodrigues<sup>2</sup>*

Publicado no ano de 2008, a obra “A escola vista pelas crianças”, é mais um importante empreendimento de Julia Oliveira-Formosinho, que assina a organização da obra. Professora associada da Universidade do Minho, vice-presidente da Associação Criança e membro da direção da ECERA (Associação Européia de Investigação em Educação de Infância), é também umas das pioneiras em estudos que tem a criança mais como sujeito e menos como objeto das investigações.

Esta publicação compõe a quinta série da Coleção Infância lançada pela Porto Editora. Depois de abordar “educação em creche”, “educação em jardim de infância”, “educação primária” e “infância, família e comunidade”, o atual objetivo é discutir “investigação e formação”. É neste contexto que o livro de Julia Formosinho coloca a “escuta da criança” em evidência, vendo a postura de “ouvir a criança sobre a sua colaboração no processo de co-construção do conhecimento” como uma necessidade do processo educativo. O livro discute e aponta caminhos tanto para a prática educativa formal como para pesquisa realizada com crianças pequenas, não como uma prescrição, mas, como uma importante alternativa na construção da propalada Pedagogia da Infância.

A partir desta premissa o livro se configura numa coletânea de seis textos, composta por um artigo que recupera os fundamentos da pesquisa que adota a criança ao mesmo tempo como fonte e como sujeito da investigação, além de outros cinco artigos resultantes de pesquisas realizadas no âmbito da Educação Infantil, que adotaram a valorização das vozes das crianças como um dos elementos fundamentais na investigação do cotidiano educativo da educação infantil.

O prefácio, assinado por Monica Apezatto Pinazza e Tizuko Morchida Kishimoto, já nos chama atenção para a necessidade de mudarmos a percepção adulta sobre a infância, pois só desta forma haverá a superação de práticas educativas permissivas que em

---

<sup>1</sup> Resenha livre da obra OLIVEIRA-FORMOSINHO, Julia (org.) *A escola vista pelas crianças*. Lisboa: Porto Editora, 2008.

<sup>2</sup> Mestre em Educação; Professora Assistente da Universidade Federal do Mato Grosso do Sul – Campus do Pantanal.

nada estimula “o sujeito epistêmico, que constrói o conhecimento mediado pela cultura”. Apontam que é observando, ouvindo a criança e sondando suas intenções para efetivamente incorporar seus interesses ao processo educativo que de fato construiremos uma pedagogia específica para as crianças pequenas.

Em seguida, o primeiro capítulo, “Escutar as vozes das crianças como meio de (re)construção de conhecimento acerca da infância: algumas implicações metodológicas”, de autoria de Julia Oliveira-Formosinho e Sara Barros de Araújo, professora da Escola Superior de Educação do Porto e membro da Associação Criança, traz importantes apontamentos de como proceder em coleta de dados junto às crianças, mais especificamente acerca dos cuidados na condução de uma entrevista com crianças pequenas. Nas palavras das autoras são apresentados “alguns tópicos que deverão ser cuidadosamente escrutinados quando as crianças participam como agentes activos num tipo específico de processos sociais, os processos de investigação.” (p. 19).

Fica evidente que antigas e novas questões éticas gerais e também bastante particulares ao trabalho de investigação junto as crianças pequenas vem à baila na proposta diferenciada das pesquisas que pretendem estar mais próximas dos discursos infantis. Outra questão importante levantada pelas autoras é a mudança cultural e pedagógica da imagem da criança que “tem impacto nos paradigmas de investigação”. Tal fato impõe o desafio do respeito pelas crianças e suas idéias, sendo este texto uma provocação sobre a discussão em torno de aspectos metodológicos que ainda representam uma novidade, por serem específicos à investigação baseada na perspectiva das crianças, e que desta forma ainda carece de debate contínuo. (p. 27)

O próximo texto, “A construção social da moralidade: a voz das crianças”, assinado mais uma vez por Julia Oliveira-Formosinho e Sara Barros de Araújo, relata uma investigação que objetivou olhar de forma apurada para “um dos vários aspectos relativos à experiência da criança” no contexto educacional, quer seja, a forma como os comportamentos bom, mau e de ajuda da criança são respondidos pela educadora e como a criança interpreta essa resposta.

O texto está estruturado em três partes, sendo que na primeira empreende uma revisão de literatura acerca do desenvolvimento moral da criança e as influências dos contextos familiar e escolar nesse processo.

No que diz respeito ao contexto escolar, adotam então como pressupostos de um desenvolvimento moral saudável que “professores, ao fazerem uso de frequentes induções, ao utilizarem asserções de poder pontuais e ao funcionarem como modelos pró-

sociais, poderão reverter favoravelmente para o desenvolvimento moral das crianças.” (p. 36). Acerca da influência familiar, as autoras afirmam que “é possível pensar que um estilo parental democrático, especialmente o seu foco na comunicação aberta e apoiante, serve como sustentáculo ao desenvolvimento moral infância”. (p. 37).

Na segunda parte do texto é apresentado o estudo realizado com 44 crianças sobre suas perspectivas acerca das respostas dos adultos para as situações morais, de duas salas de jardim de infância, uma caracterizada construtivista e outra tradicional segundo a abordagem pedagógica adotada.

Os resultados obtidos são discutidos na terceira e última parte do texto. Os dados indicaram que “a criança tem uma percepção clara de como suas ações são percebidas e respondidas pela educadora”; bem como “articulam estas percepções de forma muito competente” (p. 48). Apresentam ainda que “30 a 40% das crianças dos dois contextos é capaz de perceber conseqüências positivas associadas ao bom comportamento”. Parecendo existir “uma consciência um pouco mais apurada das conseqüências contingentes ao mau comportamento do que daquelas que são contingentes ao bom comportamento”. (p. 49).

As autoras concluem o texto destacando que na atualidade “o foco educativo se situa nos aspectos em que a criança é incompetente, e não nos aspectos em que ela é e *sente* competente” (p. 50); fato com que nos deparamos com frequência e que precisa ser modificado para que sejam oferecidos ambientes educativos que favoreçam o desenvolvimento da autonomia da criança.

“Os papéis das educadoras: a perspectiva das crianças”, o terceiro artigo do livro, é produto da parceria entre Julia Oliveira-Formosinho e Dalila Lino, professora da Universidade do Minho e também membro da Associação Criança, e tem como propósito expor a pesquisa realizada com o intuito de ouvir as crianças em relação à sua compreensão sobre os papéis dos professores em ambientes de aprendizagem. Este trabalho envolveu ainda a escuta das professoras e a triangulação dos pontos de vista destes diferentes atores escolares.

O estudo foi conduzido a partir da realização de entrevistas com 80 crianças em idade de 4 e 5 anos de quatro salas (20 crianças por sala) e com as 4 professoras das salas. No texto são apresentados dados de três questões feitas aos sujeitos, sendo elas: “O que é uma professora”, “O que uma professora” e “Quem diz o que podes fazer na sala”.

As respostas de crianças e adultos são consonantes, evidenciando mais uma vez que as crianças são capazes de perceber, descrever, analisar e interpretar com clareza suas experiências, seus papéis e dos adultos em diferentes contextos. Segundo as autoras “revelam, também, que têm uma grande competência para comunicar sobre o

quotidiano que vivem. O desafio é o de as ouvir no que têm a nos dizer e o de escutar, isto é, tornar as suas falas centro de compreensão dos contextos educativos e da sua transformação”. (p. 70).

O quarto texto, “A qualidade da Educação Infantil, na perspectiva das crianças”, assinado por Silvia Helena Vieira Cruz, professora da Universidade Federal do Ceará, traz também relatos de uma pesquisa que retrata questões especificamente brasileiras.

A autora inicia o texto fazendo retomando o processo de evolução da concepção de criança nos discursos acadêmicos e políticos que influenciaram e influenciam decisivamente a prática pedagógica. Nesse sentido nos alerta sobre “a necessidade do desenvolvimento de uma ‘abordagem pedagógica sensível às crianças, aos seus sentimentos e ao pensamento acerca de questões que afectam o seu dia-a-dia’” (p. 78).

A partir deste alerta a autora explicita os novos caminhos que as investigações com crianças veem tomando, bem como o aumento das investigações que buscam apreender a perspectiva das crianças no Brasil e no mundo. Segundo a autora, a atitude de colocar a criança não só como objeto, mas também como sujeito das investigações, “é, ao mesmo tempo, uma expressão de opção pedagógica em curso, a qual encerra uma imagem de criança competente e com direito à participação e também uma estratégia de aprimoramento da prática docente e melhoria da qualidade dos contextos educativos”. (p. 79).

Apresenta ainda a pesquisa realizada em quatro estados brasileiros (Ceará, Minas Gerais, Pernambuco e Rio Grande do Sul) que pretendeu ouvir os vários segmentos que compõem as instituições de Educação Infantil, inclusive as crianças, acerca da qualidade desta etapa da Educação.

Além da explicitação da metodologia diferenciada, o texto ainda apresenta os dados referentes às “vozes” das crianças. Tais dados reforçam a ideia de que a criança pequena é capaz de perceber aspectos da sua realidade socioeconômica, que eles tem impactos significativos em suas vidas, bem como são capazes de identificar as situações problemáticas do ambiente educativo e reivindicar melhorias não só individuais, mas de interesse coletivo. Evidencia ainda que a criança subverte as situações que considera inadequadas e são autônomas mesmo quando as condições para tanto não lhes são dadas.

Nas palavras da autora “as opiniões, os desejos e as preocupações expressos pelas crianças reforçam também a ideia de que a infância, como construção social, é sempre contextualizada em relação ao tempo, a local e à cultura, variando segundo a classe, o gênero e outras condições socioeconômicas”. (p. 91)

Silvia Cruz conclui o texto afirmando que “a escuta das crianças oferece subsídios importantes porque, acolhendo a sua perspectiva, é possível transformar as creches e pré-escolas em locais que as cuidem e eduquem respeitando mais seus desejos e necessidades.” (p. 91).

O quinto artigo: “Da participação convencionada à participação efectiva: um estudo de caso alicerçado na escuta da criança em contexto de Educação de Infância”, de autoria de Sara Barros de Araújo e Filipa Freire de Andrade, membro da Associação Criança, trata do direito da criança a participação. Para tanto, iniciam o texto trazendo alguns referenciais teóricos de suporte, para em seguida relatar a intervenção que como sujeito uma criança de três anos, vitimada por um incêndio quando tinha oito meses de idade que lhe deixou sequelas físicas e emocionais.

O relato deixa claro que escutar criança é uma atitude fundamental para sua inserção e participação social. A partir desta experiência, as autoras deixam claro que a escuta “não é um processo circunscrito à comunicação verbal, incidindo, antes, sobre todos os formatos que materializam a voz da criança”. (p. 114). A comprovação disto está no relato da plena inserção no ambiente educacional de uma criança que tinha problemas de comunicação oral.

Nas palavras das autoras, tal relato pretendeu “reforçar a consciência de que, sendo possível num caso tão adversamente extremo, a efectivação da participação será possível na vida de milhões de outras crianças”. (p. 114).

O sexto e último artigo do livro “A documentação da aprendizagem: a voz das crianças” de Ana Azevedo, membro da Associação Criança e Julia Oliveira-Formosinho, trabalha o valor do portfólio como instrumento não só de registro, ou de avaliação, mas também de mediador e promotor de aprendizagem.

O texto relata o estudo que escutou crianças de cinco anos, visando perceber o que elas pensam acerca do portfólio. Acerca das entrevistas, utilizadas como instrumento de coleta de dados, as autoras aponta que esta “quando bem realizadas, ajudam a criança no processo de auto-avaliação e de tomada de consciência de seus processos de aprendizagem” e, ainda, que elas “dão informação adicional sobre o que as crianças pensam e gostam de fazer e, neste sentido, permitem ao professor discutir com as crianças ‘um conteúdo em profundidade’” (p. 119).

Os dados obtidos revelam que as crianças percebem o portfólio como “u veículo de conexão entre passado e futuro”, sendo esta conexão tempo de aprendizagem e desenvolvimento, sendo sua revisitação a oportunidade de refletir sobre suas próprias

aprendizagens, sem a marca do erro e do fracasso (p. 122); As crianças também enxergam o portfólio como instrumento que “reflete as oportunidades que o contexto cria”, promovendo a compreensão mais sensível de si e dos outros, reconhecendo que quando a criança é mais nova, tem uma perspectiva diferente da realidade (p. 124). Revelam ainda, que as crianças “quando têm oportunidade para examinar as suas experiências de aprendizagem, envolvem-se em diálogos que lhes permite discutir idéias e confrontar pontos de vista diversos sobre a mesma realidade”, desenvolvendo assim a sua capacidade de compreender a si mesmo (p. 126-127).

Para concluir o texto, a partir do olhar das crianças, as autoras pontuam que o portfólio é uma estratégia que expressa a voz da criança e potencializa sua aprendizagem ao lhe permitir revisitar experiências, dialogar e compartilhar idéias, tomar consciência de como constrói suas aprendizagens, além de desenvolver sua autoestima.

Finalizo este texto afirmando que esta é uma leitura indicada aos pesquisadores de crianças e infâncias, bem como aos profissionais da educação que atuam junto às crianças pequenas e que estão preocupados em tê-las e/ou colocá-las verdadeiramente no centro do processo pedagógico. Também é indicada para os que se interessam em superar a distância e a dicotomia entre as pesquisas científicas e a prática pedagógica; e aos engajados na formação de atores/sujeitos mais informados, mais conscientes, com capacidade de intervenção crítica fundamentada na vida educacional de nossas crianças.

Enfim, “A escola vista pelas crianças” é um livro para todos os que se ocupam e se interessam por uma Educação Infantil de qualidade e também para aqueles que venham a se interessar pela temática.

Recebido em janeiro de 2011

Aceito em fevereiro de 2011